

## 1916: UM ANO DE REVISTAS LITERÁRIAS

### 1916: A YEAR IN PORTUGUESE LITERARY MAGAZINES

Ricardo Marques\*

RESUMO: Como se sabe, o tempo da Primeira República (1910-1926) foi um tempo instável. Cerca de 40 governos em 16 anos perfizeram uma média de 3 governos por ano, mediado por grande descalabro financeiro e assassinios e golpes de estado sangrentos. Partindo dessas duas revistas fundamentais do Modernismo Português (*Exílio* e *Centauro*), o propósito da nossa comunicação será o de preencher o espaço por vezes nebuloso que existe à sua volta, mostrando um panorama rico de publicações periódicas, de norte a sul do país, com os mais diversos protagonistas e intuítos, mas apresentando igualmente continuidades e pontes.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira República; Modernismo Português; Revistas Literárias

ABSTRACT: As is known, the time of the First Republic (1910-1926) was an unstable time. About 40 governments in 16 years mean an average of 3 governments per year, mediated by large financial catastrophe, assassinations and bloody coups. Departing from these two fundamental magazines of Portuguese Modernism (*Exílio* and *Centauro*), the purpose of our paper is to fill the space at times nebulous that there is around, showing a rich panorama of periodicals, from north to south, with the most diverse protagonists and motives, but also presenting continuities and bridges.

KEYWORDS: First Republic; Portuguese Modernism; Literary magazines

---

\* IELT/FCSH-Universidade Nova de Lisboa – Bolseiro de Pós-Doutoramento FCT SFRH/BPD/101758/2014. Email: ricardomfm@gmail.com

De um modo geral, existem cerca de 40 publicações periódicas de interesse literário surgidas no ano de 1916<sup>1</sup>, um pouco por todo o país. Para este conceito de ‘publicação periódica’ convergem sobretudo dois tipos de publicação: em primeiro lugar, revistas de carácter e linha estética muito particulares, como é o caso de *Exílio* e *Centauro*, as revistas que hoje celebramos, e jornais de interesse literário, na maior parte dos casos menos interessantes desse ponto de vista.

As publicações periódicas, normalmente vistas como de somenos importância, dada a sua efemeridade, dão-nos informações muito importantes sobre: autores e editores, época social-cultural-política em que estes escreveram, as efemérides e canonizações de autores falecidos, publicidades, bem como permitem traçar os locais em que se encontra alguma actividade cultural. A sua característica principal acaba por ser, precisamente, um testemunho válido e fidedigno do contexto em que foram publicadas.

Penso estarmos todos cientes que estes dois números de *Exílio* e *Centauro* representam uma invectiva de *arrière-garde* no que toca ao modernismo experienciado em *Orpheu* no ano anterior. Esta linha simbolista e decadentista das duas revistas, que atinge picos de qualidade, por exemplo, nos poemas inéditos de Pessanha em *Centauro*, que mais tarde surgirão em *Clepsidra* (1920),

<sup>1</sup> Baseio os meus cálculos não só nas minhas próprias pesquisas na Biblioteca Nacional de Lisboa, mas igualmente nas resenhas descritivas presentes nos livros de Fernando Guimarães, *Simbolismo, Modernismo, Vanguardas*, Porto, Lello & Irmãos, 1992 [1982], Clara Rocha, *Revistas Literárias do século XX em Portugal*, Lisboa, INCM, 1985 e Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária, 1900-1940*, primeiro tomo, Lisboa, Grifo, 1996.

esta linha simbolista não causa o impacto da revista do ano transacto. Para ser exacto, estas revistas talvez estivessem nesse ‘ponto de confluência’ entre uma réstia de simbolismo do fim do século anterior e um ousado e recente futurismo, de que nos fala Nuno Júdice na abertura da sua edição de *Centauro*. O Modernismo destas duas revistas que hoje celebramos aproxima-se talvez de um conceito de ‘Modernismo’ presente nas letras hispano-americanas da altura, de onde temos tantos e valorosos exemplos - Delmira Agustini (1886-1914), Leopoldo Lugones (1874-1938) ou Herrera y Reissig (1875-1910).

Por motivos óbvios de tempo e de estruturação de ideias trago apenas alguns exemplos paralelos a *Exílio* e *Centauro*, mas que as acompanham na viagem de 1916.

\*

Uma rápida análise deste período permite-nos perceber que, do ponto de vista do conteúdo, não é só a poesia e o folhetim narrativo que aparece nas revistas literárias – o teatro tem uma grande importância. 1916 foi um ano em que surgiram 3 revistas focadas no mundo do teatro e dos espectáculos em geral. Daniel Pires, no seu *Dicionário da Imprensa Periódica Literária (1900-1940)*, dá-nos conta de mais de 30 revistas com este enfoque para todo o período da primeira república.

As revistas que surgem neste ano são todas sediadas em Lisboa: *A Comédia de Lisboa*, *A Ribalta*, *A Pateada*, nomes alusivos a esta área artística. Nelas escrevem mais ou menos os mesmos críticos, por vezes também eles dramaturgos e poetas, que vêm de outras publicações sobre teatro em todo o período:

Alfredo Pinto (Sacavém), André Brun, Félix Bermudes, Afonso Lopes Vieira, Gustavo Sequeira, entre outros.<sup>2</sup>

Muito interessante, ainda que não seja puramente uma publicação literária, é o *Almanach de Palcos e Salas*, uma coleção vinda já do século XIX (1888), organizado por um destes críticos, Gustavo Sequeira, que apresentava uma miscelânea de artigos, música e trechos de peças conhecidas para cada ano. São volumes muito importantes e válidos como documento sócio-cultural de uma época em que vários teatros funcionavam na cidade de Lisboa. Através da análise cruzada de figuras, espaços e textos, podemos ler quem eram os protagonistas, e o gosto coevo, as ideias de teatro. “Modernismo”, por exemplo, é palavra que aparece uma vez, ao falar de uma atriz do período – Albertina de Oliveira.

Analisado o almanaque do ano de 1917, uma vez que os textos eram escritos maioritariamente no ano anterior [1916], pode-se perceber um maior afluxo de Nacionalismo. É caso paradigmático o poema ‘Pátria’ de Joaquim dos Anjos, morto dois anos depois, em 1918, tipógrafo e poeta e figura finissecular de relevo, tradutor de Victor Hugo, etc.

Lemos igualmente neste almanaque a continuação de um certo parnasianismo finissecular, como em António Feijó, poeta e diplomata de Ponte de Lima, que veio a falecer em Estocolmo, onde estava em serviço, e

que dedica um poema de tom fúnebre à sua mulher sueca, recentemente morta.

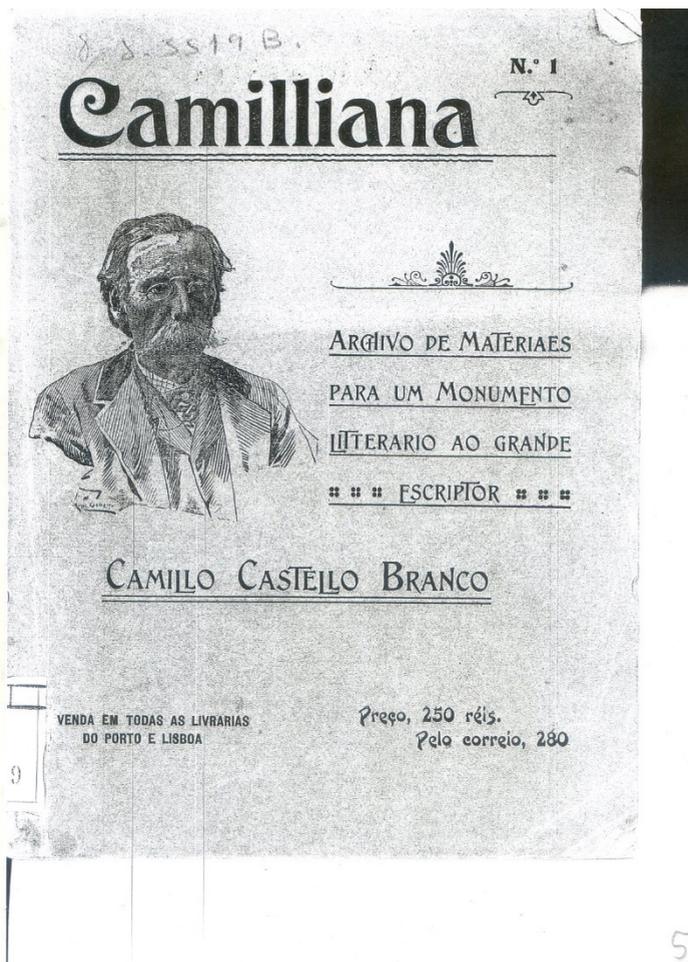
\*

Como nos lembramos, Guerra Junqueiro tem um retrato inédito publicado em *Exílio*. A enaltação de figuras patriarcais da literatura do passado é uma constante nas revistas literárias do primeiro modernismo, e 1916 não foi excepção. Na verdade, o ano começa logo com uma publicação literária em volume único, que pretende ser, de acordo com o subtítulo, um “arquivo de matérias para um monumento litterario ao Grande Escritor Camillo Castello Branco” e dá pelo nome de *Camilliana*. Saído no Porto no dia 1 de Janeiro, é um belo exemplar, o que está na Biblioteca Nacional, com uma foto inédita até então do escritor, e com pormenores estéticos bem ao gosto da época (como os motivos *art nouveau* dos bordos ou dos *incipit*).

*Camilliana*, ‘ponto de concentração e convívio de todos os que professam o culto camiliano’, como nos diz Alfredo de Faria no editorial, não pretendia ser um acto isolado, estando ‘no seu programa a reedição de interessantíssimos folhetins [...] do Mestre’. Não foi, porém, o que aconteceu. A revista apenas teria este número único, mas inclui logo colaboradores de peso: Eduardo Sequeira, Pinheiro Chagas, Sebastião Lima.

<sup>2</sup> Para quem se interesse por estes aspectos da vida teatral, ainda que não lida pelas publicações periódicas literárias, recomenda-se *O Teatro de Lisboa no Tempo da Primeira República*, de 2004 (INCM), da autoria de Glória Bastos e Ana Isabel Vasconcelos.

Legenda: Capa do número único da publicação “Camilliana”



Já *Gente Lusa* (1916-17) foi uma revista igualmente surgida em Janeiro e que percorre em 10 números e 2 séries todo o ano de 1916 e 1917. A sua índole, como o nome indica, é eminentemente nacionalista, paralela à de *Exílio* e *Centauro*. “*In Hoc Signo Vinces*”, máxima cristã do imperador Constantino I aparece associado ao título logo na capa - *Gente Lusa*. Veja-se agora o seu subtítulo - *Arquivo* - a revista está sempre com um pé no presente e outro no passado, publicando inéditos do início do século e do fim do século anterior.

Camilo e Manuel Laranjeira são autores homenageados no afã de compilar informação de referência sobre o que designam como ‘Letras e Artes portuguesas’. Nele colaboram variadíssimos autores, alguns ainda hoje lidos e estudados, como é o caso de Leonardo Coimbra (“Aspectos da Vida Religiosa (notas)”, datado de Dezembro de 1915), e inclui um inédito de Júlio Brandão.

O seu propósito, logo denotado no primeiro número é inequívoco:

‘Não temos programa; não fazemos promessas.

*Gente Lusa* não ousa disputar primazias às suas irmãs ilustres, tão pouco pretende marcar nas letras e nas artes pátrias o lugar que caberia a um esforço pioneiro.

A sua aparição traduz - quando muito - a aspiração de gente moça para quem a vida é uma primavera constante, um campo de luta onde apraz entrar quichotescamente, com o coração cheio de fé e de vizeira erguida.

A sua obra não será fecunda, mas o seu esforço é generoso e são; as suas páginas não conduzirão à imortalidade através dos domínios da erudição, da arte e da filosofia, mas hão-de com certeza encerrar aquela parcela mínima de Beleza sem a qual a Vida seria uma eterna via dolorosa.

Nascida numa terra de glorioso passado *Gente Lusa* processará o culto nobilíssimo da Tradição, não para diante dela se quedar em contemplação doentia, antes muito singelamente para na sua força salutar beber alentos para a realização de uma tarefa bem digna da terra portuguesa.

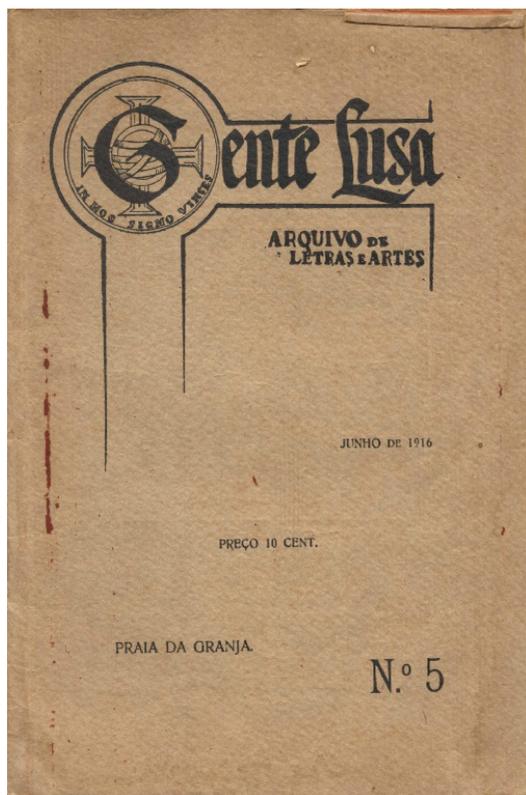
Aos novos, àqueles que, como nós, crêem e sonham, iremos pedir um pouco da sua Fantasia - dessa Fantasia que vôa tão alto no céu azul como o bando de gaivotas que, rufando as asas, neste momento passa sobre as nossas cabeças e, em lentos e caprichosos volteios, vai, lá longe, em pleno mar, beijar a crista rendilhada das ondas...’

Retomarei este programa mais à frente. Para já, é de notar que esta relevância da ‘terra portuguesa’ é algo que se traduz

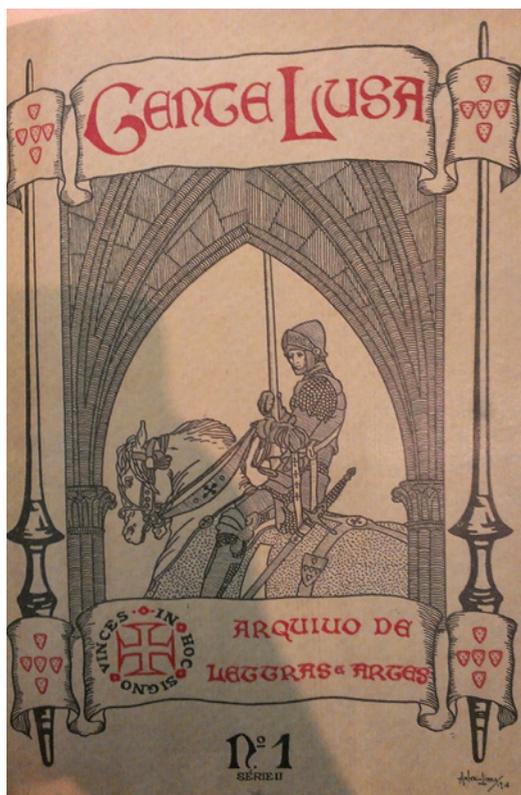
igualmente nas opções estéticas dos diretores da revista. António Carneiro, o pintor portuense, é um grande colaborador na sua parte estética. Em todos os números aparece um desenho seu, normalmente submetido ao tema do número. No caso do primeiro e do segundo, serão respectivamente Camilo e Manuel Laranjeira que aparecerão. No terceiro número aparece o desenho de uma Ronda, uma roda de mulheres dançando, aspecto bem tradicional da cultura portuguesa. Já o número quatro e o número cinco revelam duas fotografias, uma do claustro do Pilar, e outra de uma escultura da figura mitológica de Baco, da autoria de Teixeira Lopes (foto sem indicação de autoria). Nos 5 números da II série, já de 1917, aparecerá uma miscelânea de suportes e auto: no número 1 é a fotografia de uma jarra (“Manoel Bernardes”) vista numa exposição em Lisboa, alusão às conquistas dos descobrimentos, fabricada na Fábrica da Torrinha, em Gaia. Número 2 é um desenho de Eça por António Carneiro, o número 3 volta a ser uma fotografia, desta feita do Mosteiro do Grijó, no número 4 um desenho de Carneiro - La Bilbaínita, uma alusão a um artigo, algumas páginas antes sobre “Sete Danças de ‘La Bilbaínita’, de Manuel de Sousa Pinto. O último número tem a mais-valia de um desenho de Domingos Sequeira, de índole mitológica.

Esteticamente, há uma evolução na gramática estética, no sentido de ainda mais denotar este nacionalismo e de uma maior complexificação do desenho. Adicionalmente, e contrariamente a muitas revistas do período, esta não apresenta qualquer publicidade.

Legenda: Capa interior do nº5 da revista “Gente Lusa”



Legenda: Capa do 1º número da Série II da revista “Gente Lusa”



Curiosamente, no primeiro número, dedicado a Camilo, aparece uma crítica muito favorável à *Camilliana* (coluna intitulada de “Livros”, a última página de *Gente Lusa*, escrita por Ruy Vaz, o mesmo crítico de arte que colabora daí a dez anos em *Athena*, com Pessoa). Aliás, toda a secção é dedicada a Camilo visto o outro livro recensado ser uma nova edição de *A Brasileira de Prazins*, na colecção ‘Lusitania’, seu décimo quarto volume, editada nada mais nada menos do que pelos ‘importantes livreiros senhores Lello & Irmãos’, a livraria que todos conhecemos ainda no Porto. Uma colecção que já teria então o *Menina e Moça de Bernardim*

Ribeiro, por exemplo, e que é recomendada encomiasticamente por Ruy Vaz quer pela “modicidade do seu preço, quer pela sua original e primorosa apresentação”.

Por último, “Ramalho e Bruno” é o nome de um artigo de Pinto de Ribalda (talvez pseudónimo), onde se fala das mortes recentes (em Setembro e Novembro de 1915, respectivamente) dos dois grandes vultos das letras de então e de sempre.

O segundo número é dedicado a Manuel Laranjeira (1877-1912), escritor e pensador de Santa Maria da Feira. Suicidado aos 35 anos depois de uma batalha difícil e constante com a sífilis, que contrai criança, era um culto e

letrado médico, exemplo de um certo pessimismo finissecular.

Nos números seguintes (3,4 e 5) não parece haver uma consagração temática a uma personalidade. Laranjeira e Camilo aparecem dispersamente, sejam como autores em nome próprio (cartas inéditas, sobretudo) sejam como autores estudados. António Augusto Soares de Passos (1826-60), figura portuense conotada com o Ultra-Romantismo, aparece brevemente no número 3, porém, com cartas escritas durante a Revolução de 1851.

Na recensão literária, a partir do terceiro número há igualmente uma mudança de crítico. Ruy Vaz é substituído pelos pseudónimos - Aquiles e Pátroclo. Dada a alusão grega, é muito possível que este seja pseudónimo de Narciso de Azevedo (1888-1969), tendo em conta igualmente as suas poesias dispersas na segunda série, sempre com citações clássicas e de um pendor sexualizante muito indirecto. Esta pista é-nos dada por uma nota dos próprios Aquiles e Pátroclo, numa recensão a um livro de odes à maneira de Horácio da autoria do jovem poeta António Ferreira. É-nos assim dito na recensão: “No próximo número publicaremos sobre as *Horacianas* uma apreciação de Narciso de Azevedo.” O que acabou por não suceder, diga-se.

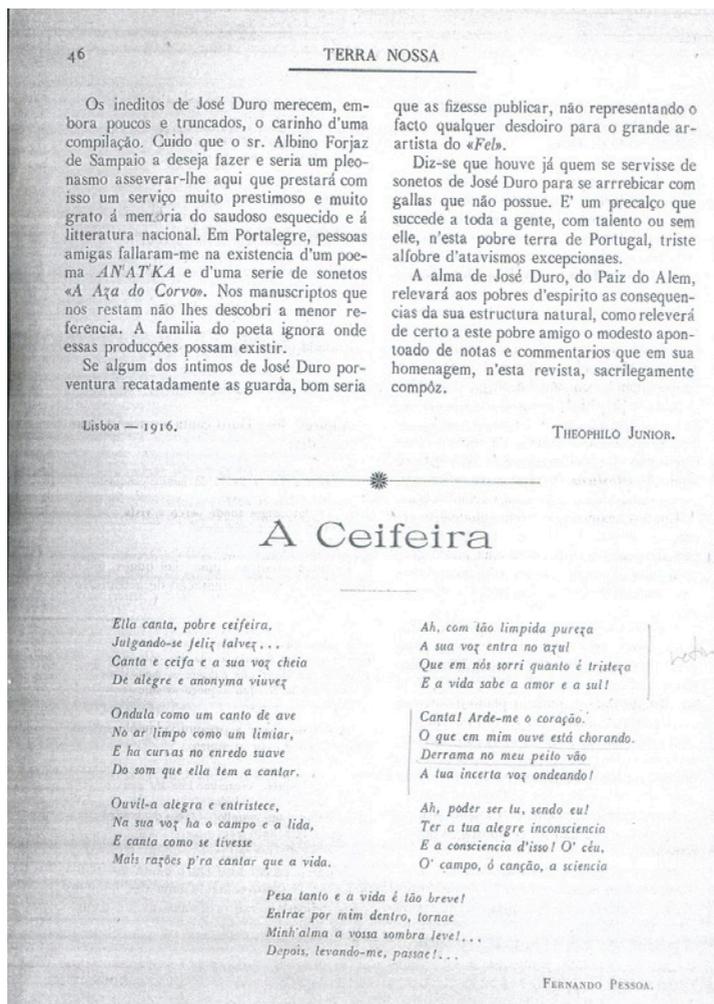
Um pormenor curioso das recensões e nótulas, o que não abona a favor da idoneidade e da imparcialidade que deviam ser características deste tipo de labor, é que alguns dos autores recenseados são ou foram colaboradores de *Gente Lusa*, como é o caso de António Carneiro (recenseado nas nótulas finais com uma alusão a uma exposição a decorrer nessa altura), de Júlio Brandão, ou

de Eduardo Pimenta, de António de Lima. Esta estratégia funciona duplamente como um auto-elogio da própria revista, bem como de um proteccionismo do talento ‘da Terra de glorioso passado’ que é o Porto, como nos é dito no editorial.

\*

*Terra Nossa* é o meu exemplo final. A sua importância centra-se fundamentalmente no facto de uma versão inicial de “A Ceifeira” aparecer no terceiro número, de Setembro de 1916 (Mensal, 1º é em Maio), versão que é depois revista quando aparece em *Athena*, nº3, 1924, e que é próxima daquela que conhecemos (retira uma estrofe e reescreve dois versos). Curiosamente, é por volta desta altura que o autor decide retirar o circunflexo de Pessôa.

Legenda: Poema “A Ceifeira”, na sua primeira publicação na revista “Terra Nossa”



Diz o 'Ponto Final', última página da revista, do primeiro número:

Entrou o mês de maio, o mês da Vida.  
Entrou o mês de Maio, o mês das primeiras calmas, o mês das feiras, o mês das touradas, o mês das flores, o mês da cor. Entrou o mês de maio e com ele entrou a publicar-se o nosso modesto mensário cujas páginas traçadas sob a emoção nostálgica da Charneca-Mãe representam os primeiros passos de

uma inspiração a caminho de um objectivo maior. Um mensário é necessariamente um jornal que se publica menos vezes do que o comum dos jornais, como o poderia afirmar catedrático qualquer Monsieur de la Palisse em que é fértil esta pequenina terra de Portugal. [...]

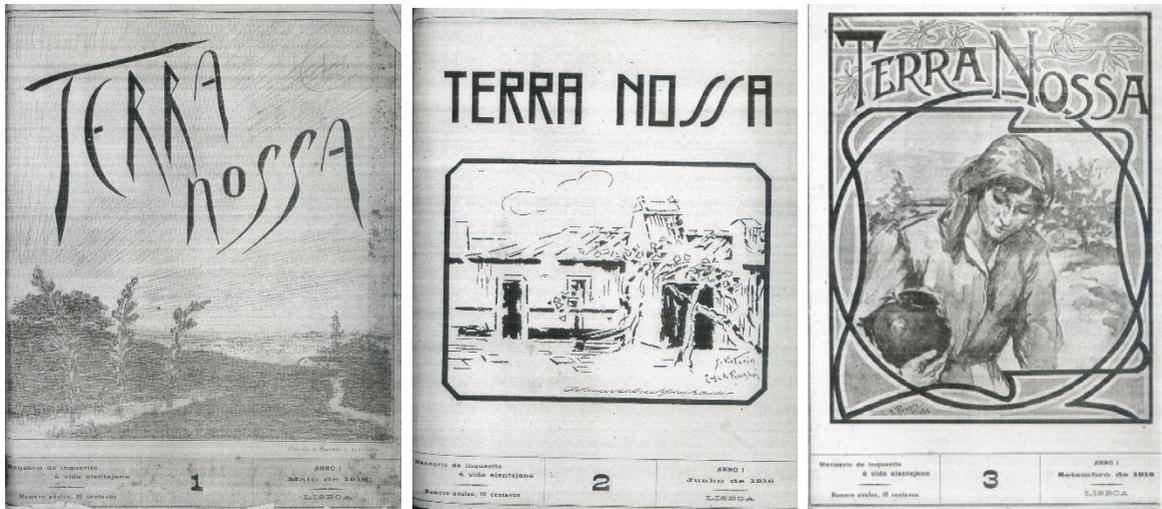
Os objectivos traçados não são muito diferentes daqueles que lemos em *Gente Lusa*, se compararmos os dois editoriais – enquanto

a revista do Porto nos assegura não ter qualquer programa – assunção reiterada no início da segunda série, em 1917 – aqui o mensário é caracterizado como ‘modesto’, pretendendo apenas por em dia uma ‘emoção nostálgica’ desta região do país. Ambas, no entanto, reiteram que há um caminho maior, mais ambicioso: o culto nobilíssimo da tradição, no caso de *Gente Lusa*, e a inspiração ‘a caminho de um ‘objectivo maior’ no caso de *Terra Nossa*.

Passemos então a entrever a estética das capas, e a forma como esta vai no mesmo sentido. De uma forma geral, esta apresenta-se sem muitos pormenores, com alusão à vida alentejana. As cores são muito suaves – azul celeste para a primeira capa, amarelo limão

na segunda e de tons pastel na terceira. No primeiro número, quem desenha a capa é Martinho Gomes da Fonseca, de 25 anos na altura (1890-1972), discípulo de Columbano Bordalo Pinheiro. No número dois, da capa diz o Ponto Final, última página da revista, “O desenho da capa d’este número da *Terra Nossa* é um motivo alentejano, que Saavedra Machado tirou do natural em pleno campo. Figura a casa do ferreiro, em Santa Victoria do Ameixial, pequenina aldeia, repleta de evocações, no extremo do concelho de Estremoz”. Já o terceiro e número final, é da autoria de novo discípulo de Columbano, Gil Romero, e temos a informação que o original é uma aguarela a cores.

Legenda: Capas dos 3 números da revista “Terra Nossa”



Em todos os números há uma fotografia de um ilustre poeta - Fialho de Almeida, escritor alentejano recentemente falecido, no primeiro número, o Conde de Monsaraz no segundo e José Duro, poeta alentejano bem conhecido da altura, no terceiro.

Mais uma vez, a estratégia do ponto de vista do conteúdo é a mesma de *Gente Lusa*: enaltecer o talento da terra, ou da ‘Charneca-Mãe’ como nos é dito no editorial, seja ele o talento coevo, seja os nomes incontornáveis do passado recente.

Do ponto de vista literário, e para além de Pessoa, são ilustres os colaboradores dos outros números desta revista. António Sardinha colabora com um extenso ‘Poema do Outono’ “Vem a subir o Outono, amiga, como será o nosso envelhecer...” É o próprio António Sardinha que no segundo número consagra várias páginas ao Conde de Monsaraz, páginas autobiográficas que analisam a obra do autor, seguido daquele que é o ‘último poema do Conde de Monsaraz’; um artigo sobre Fialho de Almeida (1857-1911), os seus últimos dias, da autoria de Garcia Pulido, seguido de um inédito do autor alentejano e, finalmente, sonetos decadentistas de Hernâni Cidade e de Alberto de Castro Osório.

Brito Camacho fala do ‘Celeiro de Portugal’. Número com poemas inéditos de José Duro e parecendo a ele consagrado. Teófilo Júnior faz uma descrição sumária deste autor, analisando a sua obra comparativamente a outros, como Poe. António Ferro tem um poema dedicado a Augusto Mira da Silva, intitulado ‘Carpideiras do Sol morto’. No cabeçalho uma versão de Millet dos respigadores, ilustrando o poema. O número termina com um artigo sobre Eça de Queirós em Évora, com trechos das crónicas escritas para o Distrito de Évora pelo escritor de Vila do Conde.

\*

Parece-me assim, por esta brevíssima análise de revistas literárias do ano de 1916 que *Exílio* e *Centauro* não estariam sozinhas na sua invectiva nacionalista e decadentista. Por um lado parece haver um desejo de ser fiel à tradição nas três revistas mais de perto

analisadas, de forma a assim estar mais atento ao presente das coisas simples, e assim mais actual. Por outro, assiste-se a um outro movimento paralelo de sacralizar e canonizar autores finiseculares e ainda pertencentes ao século anterior, de forma a cimentar as fundações dessa mesma tradição – autores que, como se viu, em tudo têm a ver com a terra gloriosa de Portugal e do local de onde vieram.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

##### MONOGRAFIAS:

GUIMARÃES, Fernando, **Simbolismo, Modernismo, Vanguardas**, Porto, Lello & Irmãos, 1992 [1982].

PIRES, Daniel, **Dicionário da Imprensa Periódica Literária, 1900-1940**, primeiro tomo, Lisboa, Grifo, 1996.

ROCHA, Clara, **Revistas Literárias do século XX em Portugal**, Lisboa, INCM, 1985.

VASCONCELOS, Ana Isabel et al, **O Teatro de Lisboa no Tempo da Primeira República**, Lisboa, INCM, 2004.

Revistas literárias:

**Exílio: Revista Mensal de Arte, Letras e Ciências**, Dir. lit. Augusto de Santa-Rita, Lisboa, Rodrigues e C<sup>a</sup>, 1916. (número único).

**Camilliana: Archivo de Materiaes para um Monumento Litterario ao Grande Escripitor**, Dir. lit. Alfredo de Faria, Porto, A.F., 1916. (número único).

**Centauro: Revista trimestral de Literatura**, Dir. lit. Luís de Montalvor, Typographia do Annuario Commercial, 1916. (número único).

**Gente Lusa: Arquivo de Letras e Artes**, Dir. Carlos de Moraes, Zacarias Correia, Praia da

Granja, António Reis, 1916-17. (10 números, 2 séries)

**Terra Nossa**, Dir. lit. António Lobato Adegas, Lisboa, Typ. Anuario Commercial, 1916. (3 números).

Recebido para publicação em 29 out. 2016.

Aceito para publicação em 10 jan. 2017.